

ULYSSES EM ISRAEL: CONTEXTUALIZAÇÃO DA SAGA JOYCEANA
EM O AMANTE, DE A. B. YEHOSHUA

Pérola Wajnsztein Tápia¹

Resumo:

Ao escrever *Ulysses*, James Joyce estabelece um diálogo direto com a épica grega de Homero, importando a saga de Odisseu para o contexto irlandês de seu personagem, Leopold Bloom. Esta releitura, repleta de recriações e ressignificações, por sua vez, inspira o escritor israelense A. B. Yehoshua na criação de seu romance *O amante*. O presente trabalho procura trazer à tona elementos do diálogo entre as obras de Joyce, escrita na Irlanda em 1922 e de Yehoshua, escrita em Israel em 1977.

Palavras-chave:

Literatura israelense, Literatura irlandesa, Ulysses, A. B. Yehoshua, James Joyce

Abstract:

On writing *Ulysses*, James Joyce establishes a direct dialogue to the greek epic of Homer by bringing the Odisseo saga into the irish context of his character Leopold Bloom. This reinterpretation, fulfilled with recriations, on its own hand inspires the Israeli writer A. B. Yehoshua to create his novel *The lover*. This paper seeks to bring up the elements of the dialogue between the works of Joyce, written in Ireland on 1922, and of Yehoshua, written in Israel on 1977.

¹ Pérola Wajnsztein Tápia é mestre pelo Departamento de Língua, Literatura Hebraica e Cultura Judaicas da Universidade de São Paulo.
perola@superig.com.br

Keywords:

Israeli literature, Irish literature, Ulysses, A. B. Yehoshua, James Joyce

A *Odisseia* de Homero é contextualizada por James Joyce, parodicamente, no cenário da Irlanda do início do século XX, em seu famoso romance *Ulysses*. Nessa obra o autor dialoga com temas da *Odisseia* por meio do périplo de seu personagem central, o judeu-irlandês de ascendência húngara Leopold Bloom, durante o dia 16 de junho de 1904, na cidade de Dublin.

Em 1977, A.B. Yehoshua, em seu romance *O amante*, retoma o diálogo com ambas as obras, principalmente com a de Joyce. O cenário de Yehoshua é Israel, alguns meses antes da guerra de 1973, iniciada no Yom Kippur, e alguns meses depois dessa guerra, conhecida pelo nome do feriado.

A grandiosidade do romance de James Joyce, caracterizado pela recriação de estilos literários múltiplos, contrasta com o “enxuto” romance de A. B. Yehoshua, que utiliza basicamente, em *O amante*, a técnica do “monólogo interior”, utilizada por Joyce em parte de *Ulysses*.

Essa técnica de expor o diálogo interno de cada personagem de forma direta, sem que um narrador esteja presente, é o fluxo do pensamento do personagem, sem interferência, chamado de monólogo interior direto. Algumas vezes, contudo, esse monólogo apresenta a descrição da consciência pelo autor ou narrador, com o uso da terceira pessoa, sendo, então, chamado de “monólogo interior indireto”. (a presença do narrador pode ser identificada, por exemplo, com expressões como “ele pensou”) Robert Humphrey define essa técnica da seguinte maneira:

O monólogo interior é, então, a técnica usada na ficção para representar o conteúdo e os processos psíquicos do personagem, parcial ou inteiramente inarticulados, exatamente da maneira como esses processos existem em diversos níveis

do controle consciente antes de serem formulados para a fala deliberada.²

Por ser elaborado com a técnica do monólogo interior, é comum, no romance de Yehoshua, que um mesmo acontecimento seja interpretado por diferentes personagens, cada qual sob um aspecto diverso, surgido a partir do fluxo de consciência de cada um deles, sem que exista um diálogo entre os personagens naquele momento. No caso da personagem Ássia, esse monólogo interior aparece principalmente nos sonhos.

A formatação do texto de *O amante* é a mesma do 15º capítulo “Circe” do *Ulysses* de Joyce: um estilo teatral³, como definiu uma das tradutoras do romance ao português, Bernardina da Silveira Pinheiro. A “fala” de cada personagem é marcada com o seu nome antes de iniciar-se sua participação na narrativa.

Este capítulo do romance joyceano, segundo alguns estudos, faz referência ao *Peer Gynt* de Ibsen⁴, que também parodia a *Odisseia* de Homero.⁵ Joyce, após a publicação de *Dublinenses*, em 1906, teria tido a ideia de escrever um “Dublin *Peer Gynt*”, que acabaria se transformando no romance *Ulysses*.

Ao estabelecer um diálogo com outro romance já existente, que por sua vez parodia outros, Yehoshua transpõe tais obras para o cenário israelense: a *Odisseia* de Homero, o *Ulisses* de Joyce e o próprio *Peer Gynt*, citado no final de seu livro (essa era a peça que a personagem Dafna ensaiava na escola)⁶.

Há outras semelhanças entre *Peer Gynt* e o romance de Yehoshua: *O amante* é dividido em cinco partes, como a obra de Ibsen, dividida originalmente em cinco atos; o nome Ássia, da esposa infiel de Adam, parece ter saído da

² HUMPHREY, Robert. *O fluxo da consciência*, p. 22.

³ PINHEIRO, Bernardina S. *Ulisses*, p. 873.

⁴ *Peer Gynt*: texto satírico de Ibsen (1867), que narra a história do filho de uma pobre viúva (Ase) na Noruega. Peer Gynt, por seu comportamento inadequado, acaba sendo banido de sua aldeia natal e aventura-se pelas florestas, encontrando personagens sobrenaturais. A narrativa começa no início do século XIX, e termina por volta dos anos 1860, ocorre, em parte, Gudbrandsdalen na Noruega, em parte, na costa de Marrocos, no deserto do Sahara, em um hospício no Cairo, no mar.

⁵ RHODES, Norman. *Ibsen and the Greeks*, p.100.

⁶ YEHOOSHUA, A.B. *O amante*, p. 312.

personagem Ase, mãe do personagem *Peer Gynt* (esta hipótese é possível considerando-se a forma de tal nome em no original hebraico, Asiah ()⁷, que incorpora a terminação “ah”, designadora do gênero feminino).

Quanto a *Ulysses*, algumas características fundamentais dos personagens centrais de *O amante* o aproximam do romance de Joyce, distanciando-o do texto de Ibsen. Há elementos comuns entre os personagens centrais Bloom e Adam: ambos são homens comuns, honestos e éticos, enquanto que *Peer Gynt* encarna a imagem do anti-herói, no qual os atributos morais são escassos.

Antes de prosseguir com observações sobre aspectos comuns às obras estudadas, considere-se um conceito fundamental.

O dialogismo, como o definiu Bakhtin, é a interação que ocorre entre linguagens ou textos diferentes. A isso, Julia Kristeva chamou de intertextualidade, criando uma nova perspectiva ao “substituir a ideia de várias vozes dentro de um enunciado com a noção de vários textos dentro de um texto”.⁸

Em relação às paródias estudadas por Bakhtin, estas envolvem principalmente as de caráter humorístico, em que o texto é explicitamente citado na construção da paródia. De outros tipos de paródia, Bakhtin comenta:

A paródia, se não é grosseira (ou seja, precisamente quando ela é em prosa literária), é geralmente muito difícil que revele o seu segundo contexto sem conhecer o seu fundo verbal alheio. Provavelmente, na literatura mundial não são poucas as obras de cujo caráter paródico nós hoje nem suspeitamos.⁹

No caso do texto joyceano, existem inúmeros estudos sobre a questão paródica do romance, principalmente por causa da publicação do esquema de correspondência dos episódios da *Odisseia* com o *Ulysses* publicado no hoje

⁷ YEHOOSHUA, A.B. *Hameahev*. Tel Aviv: Schocken Publishing House Ltd., 2002.

⁸ KRISTEVA, J. *"Nous Deux" or a (Hi)story of Intertextuality*.

⁹ BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e Estética. A teoria do romance*, p.170.

célebre estudo de Stuart Gilbert, de 1930, e incluído no romance a partir de então. Esse esquema traz, também, referências à cena relativa a cada capítulo de *Ulysses*, a hora em que ele acontece, o órgão do corpo humano que a ele corresponde, a arte a que se relaciona, a cor e o símbolo que lhe correspondem, e, ainda, a técnica com a qual foi elaborado.

Vejam-se, por exemplo, as especificações relativas ao episódio Hades, o sexto no romance:

Hades – Cena: o cemitério – Hora: 11 A.M – Órgão: coração – Arte: religião – Cor: branco, preto – Símbolo: zelador – Técnica: incubismo.¹⁰

Conheça-se, a seguir, o comentário comparativo da tradutora Bernardina Silveira Pinheiro sobre esse episódio:

Em *A Odisséia*, aconselhado por Circe, Odisseu vai ao Hades, o reino das sombras e dos mortos para consultar o profeta Tirésias e saber, antes do seu retorno, o futuro que o aguarda em Ítaca.

[...]

Em *Ulisses* a paródia à visita de Odisseu ao Hades é a ida de Bloom ao cemitério Glasnevin, para o enterro de Paddy Dignam, o que faz não por obrigação, mas levado por seu espírito de solidariedade.¹¹

No romance de Yehoshua, a visita ao Hades também pode corresponder à ida do personagem Adam ao Departamento de Desaparecidos do Exército, local onde estão cadáveres não identificados de soldados mortos, após o término da guerra. Ele procura no local por notícias de Gabriel, o amante de sua mulher Ássia, desaparecido na Guerra do Yom Kippur.

Este trabalho terá como foco apenas a comparação entre alguns aspectos dos personagens dos romances envolvidos.

O tema central dos romances envolve um triângulo amoroso. No caso do *Ulysses* de Joyce, Molly, esposa de Bloom, irá receber em sua casa, às quatro horas da tarde do dia 16 de junho, seu suposto amante Blazes Boylan. Bloom

¹⁰ JOYCE, J. *Ulysses*, p. xxiii.

¹¹ PINHEIRO, Bernardina S. *Ulisses*, p. 835.

sai de casa pela manhã com essa certeza, deixando o local livre para Blazes. Quando regressa, percebe, no lado que costuma ocupar na cama do casal, as marcas deixadas por um corpo, durante sua ausência.

No romance de Yehoshua, o personagem principal Adam arruma um amante para sua mulher Ássia e deixa-a sozinha com ele em sua casa, sabendo, à semelhança de Bloom, que ali se dará o encontro amoroso entre os dois. Percebe, também, o amassamento de seu travesseiro e atribui o fato a Gabriel, amante de sua esposa.

A situação do núcleo familiar é a mesma: a morte do filho homem deteriora o relacionamento sexual do casal. Nos dois romances existe uma filha adolescente: Milly, no casal Bloom-Molly e Dafna, no casal Adam-Ássia. Milly é a primeira filha de Leopold Bloom e Molly, enquanto Dafi é a segunda filha do casal israelense, concebida num momento de desespero após a perda do filho Yg'al, atropelado na porta da casa por ser surdo e ter desligado o aparelho que permitiria a ele ter escutado o barulho do carro que se aproximava. Rudy, o filho de Bloom e Molly, morre após 11 dias do nascimento. Os dois personagens Bloom e Adam têm consciência de que perderam seu papel viril a partir da morte do filho do casal, e deixam o caminho livre para os amantes de suas esposas.

Os dois amantes (Blazes Boylan e Gabriel Ardit) surgem como organizadores do trabalho das duas mulheres. Blazes é agente artístico de Molly, cantora lírica, e Gabriel é contratado pelo marido Adam para ajudar a professora de história Ássia a organizar seu trabalho na escola, já com a intenção de torná-los amantes.

Apresentarei, a seguir, uma breve descrição dos “pares” constituídos por personagens de ambos os romances (ou seja, que podem ser relacionados), e alguns dos aspectos que sugerem o diálogo entre as duas obras por meio deles:

Bloom-Adam

Ambos são homens comuns; Bloom é vendedor de anúncios de um jornal, e Adam, dono de uma oficina mecânica. Sentem-se incapazes de se relacionar sexualmente com suas esposas.

Bloom, há muito privado de sexo, mantém um contato à distância com a jovem Gerty MacDowell, que, sentada na praia de Sandymount, insinua-se para ele, que acaba por masturbar-se. No caso de Adam, sua sexualidade manifesta-se quando ele vê uma amiga da filha Dafna, de nome Tali, que, deitada na cama de sua filha, tenta seduzi-lo ao acordar. Tanto Bloom como Adam ejaculam na própria roupa.

Leia-se o fragmento de Ulysses que, descrevendo fogos de artifício vistos da praia, alude ao clímax de Bloom:

E então um foguete disparou e estrondeou em estampido cego e oh! então a vela romana encandeou e era como se um suspiro de oh! e todos gritaram oh! oh! em êxtases e ele golfou de si uma torrente em chuva de caracóis de cabelos dourados e eram todos verdes estrelas rociadas caindo douradas, oh tão vívidas! oh, tão boas, doces, boas!¹²

Veja-se, agora, o fragmento de *O amante* em que Adam se refere à sua ejaculação:

O sêmen inunda-me como de uma fenda aberta, sem que eu toque nela, sem que ela me toque... Para mim e dentro de mim, sem voz ou movimento. Sem controle... A morte parte.¹³

É interessante observar, nesse exemplo, como foi dito no início deste trabalho, o contraste entre os estilos dos romances, principalmente na brevidade da descrição de Yehoshua de um episódio bastante semelhante ao do livro de Joyce.

Molly-Ássia

¹² HOUAISS, A. *Ulysses*, p. 415.

¹³ YEHOSHUA, A.B. *O amante*, p. 245.

As duas personagens femininas podem ser comparadas inicialmente a Calipso, a ninfa que aprisiona Odisseu por sete anos em sua ilha. Este é o quarto capítulo do livro de Joyce, e tem, como aponta o esquema do livro, a casa como cenário. Molly mantém Bloom cativo e ligado a ela; Ássia, por sua vez, também mantém o casamento com Adam, sem sexo, apesar de Adam perceber nela o desejo ainda latente. Molly está sempre em seu quarto, na residência do casal, e a Professora Ássia está no escritório, em sua casa, repleto de papéis e provas de seus alunos. Ássia muitas vezes dorme nesse escritório, evitando também deitar-se na cama com o marido.

Ao final do romance, no 18º episódio, Molly é Penélope, personagem da *Odisseia* que aguarda o retorno de Odisseu em Ítaca: a personagem de Joyce espera pela volta do marido Bloom. Após chegar, ele pede a Molly que lhe sirva o café da manhã com dois ovos na cama, no dia seguinte, invertendo-se a situação habitual em que ele servia café à esposa; Molly passa a rememorar o encontro com Bloom, aceitando-o novamente. Os ovos representam o retorno do papel viril de Bloom.

Ássia, ao final do romance de Yehoshua, também como Penélope, espera aflita por seu homem, mas não pelo marido, e sim pelo amante. Adam não recupera sua virilidade aos olhos de sua mulher.

Stephen-Naim

O personagem Stephen do romance de James Joyce volta à Irlanda: deixa o curso de medicina na França por causa da doença da mãe, que morre logo em seguida à sua chegada. Depois, mora com dois amigos na Martello Tower, um irlandês e outro inglês, este representando o usurpador das terras e da cultura irlandesa. Recitador de versos, Stephen veste roupas esfarrapadas e tem aversão a banho.

Naim, jovem árabe que trabalha na oficina mecânica de Adam com outros companheiros árabes, recita versos de Bialik em hebraico, tenta ingressar na faculdade de medicina e não consegue. O pai prefere que ele trabalhe, e o convence a desistir dos estudos. Com o passar do tempo, sai da casa dos pais e vai morar na casa de Veducha, avó de Gabriel, a pedido de Adam. Chega quase sem nenhuma roupa, e recebe a instrução de tomar banho. Já havia estado na casa de Adam, e lá também teve de tomar banho antes de comer, porque chegara molhado da chuva. Pensa que os judeus – vistos por ele como usurpadores de sua terra e sua cultura – o humilham ao exigirem que tome banho todas as vezes que entra na casa deles.

Milly-Dafna

Ambas as personagens são a filha que restou ao casal, adolescentes e insones. A insônia de Milly é mencionada no texto do romance de Joyce (“Que proposta faz Bloom, diâmbulo, pai de Milly, sonâmbula, a Stephen noctâmbulo?”)¹⁴. Dafna, cuja insônia percorre toda a narrativa, desde o início, exerce importante papel no romance de Yehoshua, tornando-se amiga do jovem árabe Naim e, posteriormente, sua amante.

Blazes Boylan – Gabriel Arditi

Blazes Boylan, como o suposto amante de Molly, é mencionado algumas vezes no romance de Joyce, mas ocupa o pensamento de Bloom diversas vezes durante sua trajetória por Dublin.

No caso de Gabriel Arditi, o amante de Ássia, é ele quem vai para a guerra do Yom Kippur, ocorrendo, nesse momento, um deslocamento, a esse personagem, do papel de herói, diferentemente do romance joyceano, em que o personagem Bloom permanece em sua condição “heróica” inicial.

¹⁴ HOUAISS, A. *Ulisses*, p. 736.

No entanto, não há nenhum heroísmo no fato de Gabriel ir para a guerra, uma vez que ele foge do campo de batalha e disfarça-se de religioso ortodoxo para isso; o personagem possui, no entanto, uma marca que o identifica – o automóvel Morris, 1947, azul. Pode-se entrever, em tais ações e aspectos do personagem, uma relação direta com a *Odisseia*: a “marca” de Gabriel corresponderia à cicatriz de Odisseu, e seu disfarce poderia aludir àquele do herói grego, que, artiloso, apresenta-se como mendigo, ao chegar à sua terra.

Durante o tempo em que permanece em combate, Gabriel alimenta-se muitas vezes de ovos, sempre em pares (lembre-se a simbologia dos ovos pedidos por Bloom); e é a ele que Penélope-Ássia aguarda.

Cidadão-Erich

Esse personagem – o Cidadão – no 12º episódio de *Ulysses*, representa o gigante Ciclope da *Odisseia*, de maneira figurativa, pois tem uma visão parcial, nacionalista, da questão irlandesa, desenvolvendo grande preconceito em relação a Bloom, por este ser judeu. As opiniões do personagem se baseiam na natureza mesquinha daquele que enxerga a realidade sob um único aspecto.

Da mesma maneira, Erlich aparece no romance de Yehoshua como um homem vindo da diáspora, que havia sido sócio da oficina mecânica e não se adaptara a essa condição, tendo desfeito a sociedade. Volta à mesma oficina como contador, empregado de Adam, porque essa era a única atividade em que ele se adaptava; ou seja: Erlich era uma pessoa que podia ser contador, mas não dono da oficina e contador – tinha uma visão única das coisas, como se tivesse um olho só. A semelhança entre os dois personagens envolve também a questão do nacionalismo: Erlich trata os funcionários árabes da oficina sempre com desconfiança; irrita-se com a música árabe ouvida por eles em seus aparelhos de rádio, ligados a todo o volume a fim de provocá-lo.

Gerty-Tali

Ambas as personagens são jovens e tentam seduzir um homem mais velho. No caso de Bloom, Gerty, conhecendo sua própria beleza, flerta com ele na praia. No caso de Tali, esta tenta seduzir o pai de sua amiga Dafi.

Segue-se a descrição da beleza das duas personagens e da atitude calada delas, nos dois romances:

Gerty MacDowell, que estava sentada perto de suas companheiras, perdida em pensamentos, contemplando longe nas distâncias, era a bem da verdade um tão bom espécime da atraente mocidade irlandesa quanto se podia desejar ver. Ela era tida como bela por todos os que a conheciam...¹⁵

Eu vi que Tali não queria entrar na água, recusou-se até a correr, só queria deitar-se na areia, desnudar seu corpo bronzeado e escultural, que atrai cada vez mais os olhares carregados de desejo. Quase não falava.¹⁶

Veducha

Desde o quarto capítulo do romance de Joyce, é discutido o conceito de metempsicose, que reaparece em outros pontos do livro. Segundo Bloom, essa é uma palavra proveniente do grego e significa “transmigração das almas”:

– Metempsicose – disse ele – é como os gregos antigos chamavam. Eles acreditavam que a gente podia transformar-se por exemplo num bicho ou numa árvore.¹⁷

Esse conceito de metempsicose dialoga com a personagem Veducha do livro de Yehoshua. Veducha é a avó de Gabriel Arditi; ela é apresentada em estado vegetativo num hospital, no início do romance. Gabriel vem a Israel motivado pela iminência de sua morte e a possibilidade de receber alguma herança.

¹⁵ HOUAISS, A. *Ulisses*, p. 395.

¹⁶ *Ibidem.*, p.114.

¹⁷ HOUAISS, A. *Ulisses*, p. 72.

Na primeira parte do livro ela é descrita assim:

Uma pedra estendida sobre o lençol branco. Uma grande pedra. Vira-se a pedra, lava-se a pedra, alimenta-se a pedra e a pedra urina lentamente.

[....]

Uma planta, uma planta no meio da quietude, abrindo caminho na poeira, elevando da escuridão um ramo forte e outro ramo. Um crescimento que irrompe uma vegetação ataviando folhas dentro de folhas. Um grande sol lá fora. Dia. Um enorme vegetal velho na cama. Vira-se a planta, limpa-se a planta, dá-se chá para a planta. E a planta ainda vive.¹⁸

Na segunda parte do livro, já ocorre a transformação da personagem:

A planta molha-se por si própria, expele uma fina umidade. A planta, o vento a sufoca. Duas excrescências irrompem junto à copa, purificam-se, um vidro congelado capta a luz, folhas macias e peludas ouvem vozes. A planta cheira a si própria, prova um gosto amargo de folha cortada em sua boca. Fome, sede, sensação. Começa a rugir – oh, ohhh, ooo – o rugido de uma criatura que foi planta.¹⁹

As transformações dessa personagem vão se sucedendo até que ela volta à consciência como ser humano, para morrer definitivamente ao final da narrativa.

Como se pode vislumbrar, a partir de aspectos aqui apresentados sobre os romances, o diálogo se estende aos episódios expostos por Joyce em dezoito capítulos, que advém de vinte e quatro capítulos da *Odisseia* e são expostos por Yehoshua em cinco capítulos.

Ao elaborar a tabela de correspondência entre os episódios de *Ulysses* e da *Odisseia*, Joyce explicita a intertextualidade entre os textos, jogando luz sobre os aspectos comuns entre eles; mas deixa à sombra outros inúmeros

¹⁸ YEHOOSHUA, A.B. *O amante*, p. 23.

¹⁹ *Ibidem*, p.81.

diálogos sutis, propondo um jogo ao leitor, que poderá desvendar os aspectos ocultos do diálogo entre as obras.

O diálogo aqui mostrado do romance de A. B. Yehoshua com *Ulysses* aparece de forma sutil em alguns momentos e explícita em outros, como num jogo de luz e sombra entre os textos. Fica a critério do leitor iluminar os aspectos comuns entre os livros, ou deixá-los à sombra.

Bibliografia

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e Estética. A teoria do romance*. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

BRAIT, Beth. *Bakhtin. Conceitos-chave*. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

GILBERT, Stuart. *Ulysses*. New York: Vintage Books, 1955.

HUMPHREY, Robert. *Fluxo de Consciência*. São Paulo: Editora Mc Garw-Hill do Brasil Ltda., 1976.

IBSEN, Henrik. *Peer Gynt*. South Australia: The University of Adelaide Library, 2005.

_____. *Peer Gynt*. Adaptação de Ana Maria Machado. São Paulo: Editora Scipione, 1985.

JOYCE, James. *Ulysses*. Penguin Books. London: 1960.

_____. *Ulisses*. Tradução de Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

_____. *Ulisses*. Tradução de Bernardina Silveira Pinheiro. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2005.

KOCH, Ingedore G.V, BENTES, Anna Christina, CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Intertextualidade. Diálogos Possíveis*. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

KRISTEVA, Julia. "Nous Deux" Or A (Hi)Story Of Intertextuality. Jan-Mar 2002; n. 93, 1/2; Research Library, p. 7.

PARRINDER, Patrick. *James Joyce*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

RHODES, Norman. *Ibsen and the Greeks*. New Jersey: Associated University Presses, 1995.

YEHOSHUA, A.B. *Hameahev*. Tel Aviv: Schocken Publishing House Ltd, 1977.

____. *O Amante*. São Paulo, Summus Editorial, 1984

____. *The Lover*. Orlando: A Havest Book – Hacourt, Inc., 1977.